

O INIMIGO DO POVO¹

Eduardo Viveiros*

*“Política
Que simpático rato!
Não tem nada de repelente ou tétrico ou nojento.
E – para dizer tudo -
Há homens menos inofensivos.”*
(Raul de Carvalho (1920-1984), poeta português)

O realismo em pintura tem um iniciador em Gustave Courbet, que ao ter dois quadros rejeitados na Mostra Universal de Paris, em 1855, os expôs num pavilhão por ele mesmo construído, ao qual deu o nome de “Le Realisme”.

Em teatro e em literatura, porém, o conceito de realismo foi objeto de discussões teóricas e estéticas desde, pelo menos, o ensaio de Schiller *Über naive und sentimentalische Dichtung* (Sobre a Poesia Ingênua e Sentimental), de 1795. Se pensarmos nos estilos de representação e composição do texto teatral, nem sempre é fácil distinguir entre ilusão, naturalismo ou realismo. Ambos propõem a imitação o mais fiel possível da realidade no palco, tanto na dramaturgia quanto no jogo dos atores. Para Brecht, os naturalistas mostram os homens como se mostra uma árvore a quem passa na rua; já os realistas mostram os homens como se mostra uma árvore a um jardineiro...

Beatriz Jaguaribe, em seu livro *O choque do real: estética, mídia e cultura* apresenta o “choque do real” como sendo a utilização de estéticas realistas que visam a suscitar um efeito de espanto catártico no espectador ou leitor. Esse “choque” provoca, ou quer provocar, incômodo sem necessariamente recair no grotesco ou no sensacionalismo. O impacto decorre da representação de algo comum, mas essa representação causa revolta, é excitante, violenta ou estarrecedora. Nesse sentido, o realismo é capaz de nos fornecer expressões de reconhecimento que não abalam as noções que temos da realidade, mas atua

^{1*} Pesquisador do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política), da PUC-SP
O Inimigo do Povo é uma peça de Henrik Ibsen, que ganhou uma adaptação pelo diretor teatral Sérgio Ferrara.

como elemento que reforça o desnudamento dessa mesma realidade. Trata-se de inventar ficções que parecem ser a realidade, ficções que tornam a realidade mais “real”, intensificando, selecionando e enquadrando eventos, personagens, enredos. O poder mobilizador do “choque do real” apresentado pela autora, depende do uso persuasivo da estética realista.

Depois de Shakespeare, Henrik Ibsen (1828-1906) é o autor cujas obras são mais encenadas no mundo. Já foi chamado de “Shakespeare burguês”, “antípoda de Wagner”, “difícil” e, finalmente, “místico” ou “realista por fora e fantasioso por dentro”. O “fundador do teatro moderno” foi visto também como um autor de “teatro de tese, naturalista e prosaico, superado”. A principal contribuição de seu teatro é a investigação do homem e da sociedade modernos.

Sua obra “Um inimigo do povo”, pertence ao grupo de peças chamado “Dramas contemporâneos realistas”, que compreende as seguintes peças: “Os Pilares da Sociedade” (1877), “Casa de Bonecas” (1879), “Espectros” (1881) e “Um Inimigo do Povo” (1882).

Como peça de tese, escrita na linguagem e produzida na estética realista, O Inimigo do Povo, de Ibsen, traz a instigante personagem do Dr. Stockmann, médico de uma pequena cidade do interior da Noruega que descobre as propriedades medicinais das águas da cidade. Em torno dessa descoberta cria-se um balneário e pequenos negócios que trazem prosperidade à cidadezinha.

Tudo vai bem até o mesmo médico descobrir que as águas do complexo estão contaminadas por esgotos. Comunica o fato ao prefeito da cidade (seu irmão). A “razão de Estado”, ou interesses políticos contrariados, trazem a realidade política à frente do médico idealista: as reformas necessárias à superação do problema levariam ao fechamento por 2 anos das instalações comerciais, trariam o desemprego e a incerteza a metade dos habitantes do lugar, arruinariam os cofres públicos e, por fim, fariam o prefeito perder seu cargo e o médico, o emprego (o balneário faz parte da administração pública).

“É melhor calar e seguir em frente”, propõe o prefeito. O médico, fiel ao juramento de Hipócrates, decide falar e procura ajuda na imprensa “liberal” da cidade. Após conversas com o prefeito, porém, tanto jornalistas “progressistas” (Hovstad e Billing)

quanto o “liberal” impressor do jornal “Mensagem do Povo” (Aslaksen), abandonam o dr. Stockmann em sua cruzada pelo esclarecimento. Só em sua defesa da saúde pública e da verdade, o médico é demitido do trabalho, tem a casa apedrejada. Sua filha – a professora idealista Petra, também é demitida e sua família vê dias difíceis se acercarem do lar da família Stockmann, como as nuvens escuras do céu da Noruega.

Entre imigrar para a América (então vista como a terra da liberdade) e viver uma vida de obstáculos e opróbrios, o obstinado Stockmann, com o apoio da família, decide lutar e ficar em sua terra. Descobre, como resultado das humilhações e do escárnio que recebeu de seus concidadãos por querer mostrar-lhes a verdade, expresso no “título” proposto pelo prefeito de “Inimigo do Povo”, que o “o homem mais forte que há no mundo é o que está mais só”.

O projeto da montagem de “O Inimigo do Povo” de Sérgio Ferrara, teve início em 2005, como uma leitura dramática comemorativa do centenário de morte de Henrik Ibsen. Posteriormente, com apoio do SESC e do embaixador da Noruega no Brasil, Jan Gerhard Lassen, o projeto foi incluído no Programa Oficial Internacional do Ano Ibsen 2006. Após o contato inicial com o texto da peça, com leituras e discussões, teve início o processo de trabalho coletivo (diretor e atores) na adaptação do texto. A tradução foi feita pelo diretor e por Rachel Ripani, diretamente do inglês. O árduo e instigante trabalho é devedor de outras versões e traduções, e resulta da continuidade da presença dos atores e do diretor em trabalhos anteriores. A necessidade de tempo e dedicação para amadurecimento da proposta ficou evidente desde o primeiro momento. O mercado, todavia, às vezes descarta esse tipo de proposta. O apoio da Embaixada da Noruega, do SESC e demais parceiros, então, foi fundamental para o resultado alcançado.

A concepção e a leitura de Sérgio Ferrara da obra de Ibsen apontam para a ênfase na hipocrisia institucionalizada dos políticos e da mídia, sempre atentos ao interesse do momento político e econômico. A peça, na visão do diretor, mostra que em “mãos desonestas a verdade pode ser tão destrutiva quanto a mentira, revelando que a vontade muitas vezes nos leva inexoravelmente à catástrofe”. O encenador viu a oportunidade da montagem de “O Inimigo do Povo” na conjuntura política iniciada com os escândalos políticos da metade do primeiro mandato de Lula (2005/2006), pois a proximidade do

período eleitoral tornaria o espetáculo um momento privilegiado para o debate da ética do poder na política.

Na encenação de Ferrara vemos o palco como um tabuleiro de jogo, com os atores o tempo todo em cena, permanecendo sentados nas laterais quando não estão em cena, expressando certa cumplicidade com o que acontece no tabuleiro do jogo político e teatral. O testemunho por todos do que é dito em cena não influencia, entretanto, nas escolhas de cada personagem. O tom de manifesto humano e político que o texto de Ibsen possui foi valorizado pelas opções estéticas do encenador e pela adaptação da peça, que sofreu cortes de trechos e personagens, mantendo a estrutura dramática intacta e o conflito principal valorizado. O indivíduo, na sua relação com o poder, está representado na solidão do dr. Stockmann e o tom patético dos poucos apoios que recebe de um amigo e da família só reforçam a complexidade dessa relação e o quanto é inexorável a solidão dos que advogam a “revolução da verdade contra a mentira”.

A encenação enxuta e o tom áspero das críticas de Ibsen deixam várias possibilidades de interpretação da realidade apresentada no palco aos espectadores. Uma delas, apontadas por John Gassner em *Mestres do Teatro*, é o caráter intrínseco de comédia, de alta comédia, na linha de *O Misanthropo*, que a peça tem. A sátira à fatuidade e à hipocrisia da sociedade “respeitável” que se revela disposta a suportar qualquer situação, por mais abjeta que seja, desde que se possa tirar algum lucro dela, e a denúncia da fragilidade moral dos “liberais da imprensa”, estão magnificamente expressas na peça e na encenação. O espectador, inevitavelmente, associa o que vê no palco com a realidade política e sua versão impressa (ou falada e mostrada diariamente na televisão, nos meios eletrônicos).

A atualidade do texto e da encenação são recebidos na platéia com um sorriso irônico, muitas vezes amargo. Nas circunstâncias políticas e estéticas em que o espetáculo é visto, neste “ano da graça” de 2007, não há como não concordar com Gassner: “Ibsen não podia tratar do conflito entre seus provincianos velhacos e seu idealista ingênuo no plano heróico da tragédia pela simples razão de que é impossível executar um rebanho de ovelhas de modo digno”. A cor do pelo das ovelhas, entretanto, não é apenas uma questão de ótica. Há muita estética e política em jogo. A leitura de Ferrara do clássico de Ibsen nos



dá prazer e faz pensar justamente por sua opção pelo mostrar, tão caro a Brecht. Nada nos oculta ou facilita. A opção pela clareza não é apenas didática: funciona como uma postura estético-política da encenação. Nos faz navegar em águas turvas, com o perdão da metáfora...

Assisti ao espetáculo no TUCA, em julho de 2007.